

# O porto de pescaria dos capitães-mores no Potengi

Desde 1579, o Rio Potengi já figurava na cartografia descritiva do território nacional. Naquele ano, Jacques de Vaudeclaye, em seu mapa publicado em Dieppe, referia-se ao Potitiou, o mesmo rio que viria a ser designado pelos portugueses de Rio Grande. Os cartógrafos e cronistas, dos dois primeiros séculos da nossa colonização, empregaram diversas designações, relativas ao citado rio: Potitiou, Potegi, Potengie, Potigi, Potiii, Potiyou, Potingi, Potoxi, Potuxi, Pottigi...

Os antigos cronistas gabavam as riquezas naturais da região do Potengi, destacando o pau-brasil e a pesca. Neste rio há muito pau de tinta, onde os franceses o vão carregar muitas vezes, informava o minucioso GABRIEL SOARES DE SOUZA (1). É este rio o mais fértil de peixe que há na Bahia digo no Brasil, e nele se fazem muito grandes pescarias, confirmava DOMINGOS DA VEIGA, por volta de 1627-1628 (2).

A beleza da região do Potengi também era objeto da louvação dos cronistas: (...) o rio chamado Rio Grande, um muito grande e belo lugar, por este motivo e porque os franceses e ingleses ali aportavam frequentemente com seus navios, os reparavam e faziam provisão, d'água, frutas, carnes e outros refrescos; (...) porquanto também iam ali traficar com os brasileiros e adquiriam muito pau-brasil, do que agora já não há tanto, e ainda outras mercadorias (descrição de ADRIANO VERDONCK, de 1630) (3).

Sobre o comércio clandestino desenvolvido pelos franceses com os potiguares, FREI VICENTE DE SALVADOR, por 1627, já se referia ao (...) Rio Grande, onde os franceses iam comerciar com os potiguares, e dali saíam também a roubar os navios

Contando-se a seguinte história: confirmando o capitão-mor Pero Mendez de Gouveia: **as pescarias deste rio rendiam muito ao capitão-mor, porquanto de todo o peixe apanhado quatro eram para ele e o quinto para o pescador, mas tal era a abundância do pescado que os pescadores se sujeitavam de boa vontade à imposição (5).**

Pelo governo do Rio Grande, foi concedida a Data e Sesmaria nº 185, antes de 21 de fevereiro de 1614, cujo favorecido foi Pero Vaz Pinto, escrivão da Fazenda Real na Capitania. No histórico da referida doação, faz-se menção ao fato de que as terras localizavam-se em **um porto de pescaria da outra banda do rio defronte da fortaleza, o qual porto posuirão atterguora todos os capitães que aquy se ruiirão, tem redes de pescar em que pesca (6).**

Por ocasião da doação da Data e Sesmaria nº 51, também relativa à Capitania do Rio Grande, há outra menção àquele porto de pescaria: **he ho melhor porto de pescaria que aquy ha e está de frente da fortaleza (6).**

Verificando-se o chamado Mapa de MARCGRAVE (1643), relativo à Capitania do Rio Grande, podemos observar o grande trabalho de destruição ocasionado pelo mar, incidente sobre o território correspondente ao primitivo Porto dos Capitães-mores, local hoje denominado de Praia da REDINHA. Pelo mapa holandês, o atual Rio Doce desaguava no Rio Potengi, e não no oceano como acontecia até há bem poucos anos atrás. O trabalho destrutivo do mar já tragou algumas centenas de metros de terreno, modificando a topografia existente à época da invasão holandesa.

## Olavo de Medeiros Filho \*



Distante mais de um quilômetro da sua antiga barra do Potengi, o que ainda resta do antigo Rio Guajaú (ou Doce). As águas do rio, que já foi navegável, desaguavam defronte à Fortaleza, antes que o avanço do mar lhe roubasse uma faixa de terreno, outrora existente à sua margem esquerda.

1) SOARES DE SOUZA, Gabriel -

que iam e vinham de Portugal, tomando-lhes não só as fazendas mas as pessoas, e vendendo-as aos gentios para que as comessem (...) (4).

A riqueza piscosa do Rio Potengi deu ensejo a que fosse instalado um porto de pescaria, destinado a suprir de peixe a guarnição portuguesa que defendia a Fortaleza dos Reis Magos. Tal peixe achava-se armazenado, sob a forma de peixe seco, em algumas casas de pescadores, na margem esquerda do rio, junto à boca dum pequeno riacho ou camboa, na ocasião em que os holandeses atacaram aquela fortaleza, em dezembro de 1633.

O general holandês van Ceulen tomando conhecimento daquele estoque de peixes, mandou buscá-lo, transportando-o para bordo do navio Overysseel. Ficou apurado que este peixe pertencia ao capitão-mor que pretendia vendê-lo às caravelas e assim alcançar bom lucro (5). Na oportunidade, o sargento-mor da Fortaleza, que se achava prisioneiro dos holandeses, censurou acrimosamente o procedimento do capitão-mor, que negociava com o peixe e deixava os seus soldados sem víveres, e que cometera uma grande imprudência tendo deixado o peixe naquele lugar em vez de recolhê-lo ao forte, onde agora estava cercado sem ter mais que farinha e água e um pouco de vinho (5).

Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Cia. Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo 1971.

2) Revista Trimestral do Instituto do Ceará. Tomo XXXIV. 1920.

3) VERDONCK, Adriano - Descrição das Capitânicas de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Memória apresentada ao Conselho Político do Brasil por Adriano Verdonck em 20 de maio de 1630, in Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, vol. 9º, nº 55. Ano XXXIX. 1901.

4) SALVADOR, Frei Vicente de - História do Brasil - 1500-1627. Editora Itatiaia Ltda/ Editora da Universidade de São Paulo. Belo Horizonte, São Paulo. 1982.

\*5) CARVALHO, Afredo de - Os Holandeses no Rio Grande do Norte - 1625-1654, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do R.G. do Norte. Vol. IV. nº 2. Julho 1906.

6) Traslado do auto da repartição das terras da Capitania do Rio Grande, aos 21 dias do mês de fevereiro do ano de 1614, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: Volume VII nºs 1 e 2. 1909.

OLAVO DE MEDEIROS FILHO

(\*) Do Instituto Histórico e Geográfico do RN.



Recanto formado pelo encontro das águas do Potengi com o mar. Antigamente, no mesmo local, existia a barra do Guajaú (ou Rio Doce), que provinha da Lagoa de Itijuru (hoje, Extremoz). O terreno outrora existente à margem esquerda do Rio Doce e que representava alguma centenas de metros de largura, foi tragado pela fúria oceânica.